

## II

Desde *Charmes* (1922), Valéry não tem publicado mais poesia; publicou, contudo, muita prosa variada. A prosa de Valéry, malgrado o extravagante respeito com que é tratada pelos admiradores, não é de modo algum tão notável quando os seus versos. Em primeiro lugar, parece duvidoso que Valéry tenha jamais chegado ao domínio de um estilo em prosa. Há muitas coisas admiráveis nos seus ensaios, passagens de admirável concisão, rigor e finura, mas a prosa está sempre sujeita a enredar-se num nó de palavras, que frustra a compreensão, ao mesmo tempo em que exaspera o gosto.

As obscuridades da prosa de Valéry são habitualmente atribuídas pelos seus admiradores, que nisso apenas seguem as sugestões do próprio mestre, à originalidade e profundidade das idéias. Mas o certo é que, quando lhe percorremos os ensaios, não logramos encontrar muitas idéias. Encontramos simplesmente, como em sua poesia, a apresentação de situações intelectuais, em vez do desenvolvimento de linhas de pensamento. Um crítico francês já acusou Valéry de ser um filósofo que não chega a filosofar; e é verdade que o "rigor", de que está sempre falando, constitui antes um efeito artístico de sua prosa, produzido por certos recursos de estilo, como os efeitos artísticos de seus poemas, do que uma qualidade de sua lógica. Valéry parece experimentar muito pouca dificuldade em escolher e ordenar suas idéias: como M. Teste, ocupa-se sobretudo em saborear suas sensações intelectuais e em forjar metáforas mais ou menos mistas para exprimi-las. E conquanto seja possível, em certa medida, partilhar do seu deleite com tal passatempo, ao fim e ao cabo constatamos que é fatigante e mesmo repelente. O que, perguntamo-nos, logrou Valéry-Teste dragar com esse auto-escrutínio abissal? Ora, não muito mais do que a constatação, à qual dificilmente é ele o primeiro a ter chegado, de que todas as formas de atividade intelectual — mesmo aquelas que parecem exteriormente muito diversas: Poesia e Matemática, por exemplo — são fundamentalmente a mesma espécie de coisa, meros arranjos ou organizações de elementos da experiência selecionados. Na medida em que Valéry lida de fato com idéias, revela-se, na verdade, uma espécie de superdiletante que, conquanto tenha muitos trechos de escrita incisiva e vislumbre estimulante, possivelmente expe-lirá, com gemidos de árduo labor, enfadonhas trivialidades. A maior parte da reputação de profundidade por ele granjeada resul-

ta, creio eu, do fato de ter sido um dos primeiros homens de letras a adquirir tinturas das novas teorias físicas e matemáticas. É bem verdade que fez um uso interessante delas, mas a gente chega a desejar, por vezes, que ele ou as aprofunde ou deixe a Filosofia de parte. Valéry parece não ter superado nunca o alvoroço de sua primeira leitura de Poincaré e se mostra ainda bastante esnobe a tal respeito: vive a repetir-nos quão difícil vai ser fazer-nos entender isto ou aquilo, e então, quando é por fim expresso, o portentoso pensamento não passa de um dos lugares-comuns da moderna filosofia científica — a espécie de coisa que J. W. N. Sullivan, por exemplo, não teve maior dificuldade em explicar lucidamente nos seus breves e populares ensaios de *Aspects of Science*.

Como crítico literário, todavia, Valéry tem, não só interesse, como importância. É talvez o principal expoente, em França, de um ponto de vista peculiar acerca de poesia que entrou em voga com o progresso do Simbolismo moderno. Os românticos encaravam o poema como fundamentalmente uma obra de auto-expressão — um transbordamento de emoção, uma irrupção de canto. O conceito atualmente em moda é assaz diverso: as doutrinas do Simbolismo eram, em alguns aspectos, deveras análogas às do Romantismo, mas, neste particular, os últimos simbolistas situam-se em pólo oposto aos românticos. A atitude de Paul Valéry perante a poesia é, ao mesmo tempo, mais esotérica e mais científica que a da crítica romântica.

Já em 1894, na sua *Introdução ao Método de Leonardo da Vinci*, Valéry definia a obra de arte como "uma máquina destinada a excitar e combinar as formações individuais" de determinada "categoria de mentes". E desde o tempo de *La Jeu-ne Parque*, nunca deixou ele de insistir em que o poema é um intrincado problema intelectual, uma luta contra condições auto-impostas — vale dizer, acima de tudo, algo *construído*. Ou, de acordo com um símile predileto de Valéry, o poema é como um grande peso que o poeta tenha carregado até o teto, pouco a pouco: o leitor é o transeunte sobre quem o peso se despenha de uma só vez e que, por conseguinte, dele recebe, num momento, impressão avassaladora efeito estético completo, tal como o poeta jamais chegou a conhecer ao compô-lo. "O entusiasmo", diz Valéry, "não é estado de espírito de artista." E também: "O gênio é um hábito que certas pessoas adquirem." "X quer que acreditemos que uma metáfora é uma mensagem do Céu. Uma metáfora é o que ocorre quando alguém olha as coisas de certa ma-